

DESCOBERTAS

Apresentação

Diálogos entre a literatura e as artes plásticas existem desde a antiguidade greco-latina. Nesses diálogos, ora os pensadores exaltaram uma das duas artes, ora determinaram critérios para se estabelecer um paralelo entre elas. Levando-se em conta tais relações ao longo da história, o objetivo do livro *Descobertas* é fortalecer essa relação e mostrar que a arte está em todos os lugares, a todo tempo, visto que, em meio a processos, ofícios e pareceres, emergem contos, crônicas, poesias e músicas. Sendo assim, gêneros literários de autoria dos integrantes do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios e obras do artista plástico Eduardo Moraes compõem o projeto, fundindo as duas expressões artísticas. O Centro Cultural do MPDFT acredita no poder de transformação da atividade cultural.

“A pintura é uma poesia muda e a poesia uma pintura cega; e tanto uma quanto a outra tentam imitar a natureza segundo seus limites, e tanto uma quanto a outra permitem demonstrar diversas atitudes morais, como fez Apeles na sua Calúnia.” Leonardo Da Vinci.



Nem um pouco

escuta, rapaz. moça, senhor. não

tenho pressa.

não tenho muito a ofertar.

algumas rugas, uns fantasmas e muita lenha pra
queimar. várias

questões.

poucos sermões.

um cansaço. uma preguiça.

o que ainda resta da minha rebeldia. e nada.

...absolutamente nada de hipocrisia...



Soneto do Desejo de Inferno

Elevarei a ti vital presteza
Se me põe a carne o mortal desejo
Que me abrasa a vida cruel ensejo
E vicia por vontade e beleza.

Acautelar-me se o vício é certeza
E me der a fonte a beber o pejo
E não querer olhar o que já vejo
Prostro-me, então, à terra, sem defesa.

Ao sucumbir ao derradeiro arquejo
Pesa-me as pálpebras a avareza
Sinto o peso em meu peito tão sobejo.

E se o inferno treme à minha alteza
Tão baixo no etéreo por fim almejo
Aviltar-me ao inferno e à baixeza.



Soneto do Verão que não Chega

Eterna a ternura tão doce e terna
Do verão que demora e não atura
A penumbra que escurece e descuro
Sobredoura, eterno sono, e hiberna.

Tão volúvel, volátil sol não dura
Inverno é transeunte, a noite é eterna
Saudoso o primor que o verão externa
Saúda a luz, calor e formosura.

Foi-se embora o verão – a ruptura
O inverno em minh'alma tão sombrio
Pasmei a noite em mim – tão mais escura.

Volveu à gelidez, é sim mais frio
A noite verte a tarde – não perdura
Quanto esperou o amanhecer tardio!



Doce Paixão

No quarto, o retrato,
No peito, um abraço,
Na mente, a lembrança,
No sonho, uma ilusão...

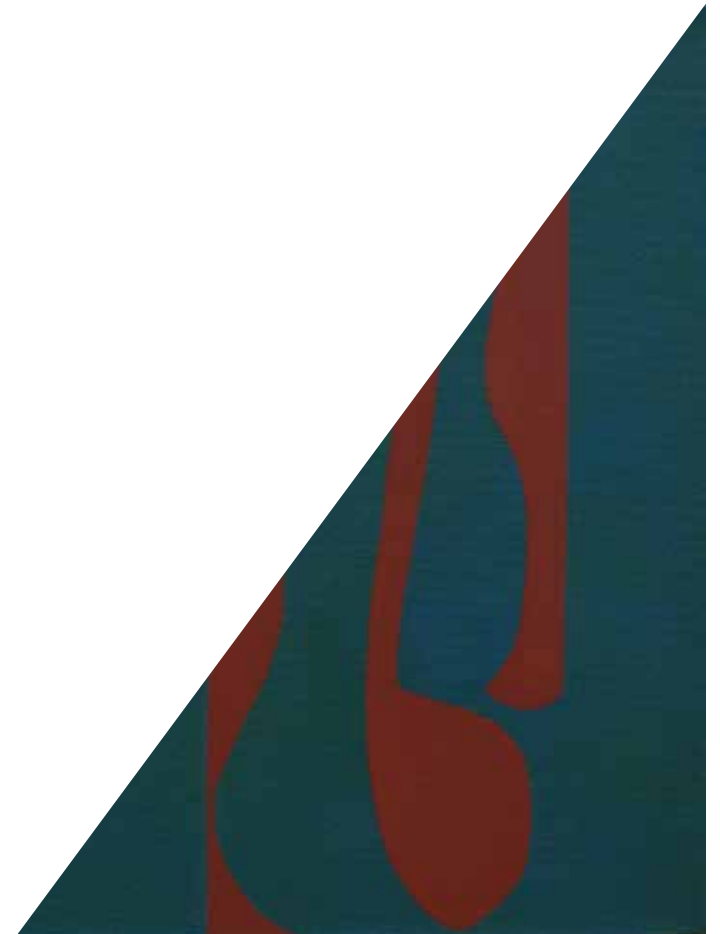
No olhar, um soslaio,
No sorriso, a alegria,
Nos lábios, um encontro,
No beijo, uma emoção!

No tempo, uma saudade,
No choro, uma lágrima,
No rosto, uma dádiva,
O amor, no coração!

Nas letras, as linhas,
Palavras – só minhas!
No sentir, o momento,
No silêncio, a paixão,
Que doce paixão...

Poema de Hélio Sandro A. de Medeiros

Subsecretário de Administração II da Secretaria do Conselho Superior



O Intento

Sinceramente pensei que seria você...

No falar do tempo,

A cada momento,

Sim, pensei que fosse você...

E no passar dos dias,

Na mente, a alegria

E quem sabe perguntar:

Será mesmo você?

...

No entanto, o Intento,

De encontro ao meu pensamento,

Mostrou-me ao Seu tempo,

Ainda que através do vento:

‘Não, não será você...’

Mas, perdoe agora o momento

Ao dizer por este instrumento,

Que muito e por aquele tempo,

“Ah, como amei você...”

Poema de Hélio Sandro A. de Medeiros

Subsecretário de Administração II da Secretaria do Conselho Superior



Nunca se tornará parte de sua alma o sentimento vivido ou a emoção sentida, nunca se tornará parte de sua alma o amor vivido, nada se tornará parte de sua alma se realmente nela não houver sentimentos e sentidos para sua existência, de nada se tornará parte sua alma se você não sentir ou se emocionar com amores explodidos no peito, com desejos eternos de ser feliz e querer o bem maior de alguém, nada se tornará parte de sua alma se nela não existir o infinito amor, pois nada se tornará parte de sua alma se o esquecimento o encontrar e lhe desejar o infinito maior em sentir, pois nada se tornará parte de sua alma se os homens e os anjos não codificarem a linguagem do supremo amor, que estonteante é a razão de sermos alma.



Aportará

Aporto sonhos do futuro, aonde deslizo sobre plumas de explosões que é o meu universo procurando o seu destino, sobre densas camadas de distância que vão se perdendo no cotidiano entre nós...

Aporto olhos no futuro onde encontro sentidos de existirmos no abismo de sermos um, onde um não consegue salvar o outro e pulamos nesse infinito de desejos suspensos por distâncias de dias de sol e de dias de lua...

Aporto sonhos do futuro aonde esses dias seguem solitários, achados em você onde me busco e perco em suas mãos...

Aporto vontades nesse pensamento febril que me persegue nessa loucura de salvar você nessa procura dentro de mim...

Aporto meu silêncio nessa minha existência, confessando ao meu cansado coração que infinitamente sou seu...



Viver é Bom

Abri os olhos. Fechei-os novamente. Era final de semana, estava livre do barulhinho do despertador, aquele com o qual antigamente eu costumava brigar. Abracei as cobertas, enrolando-me em posição fetal, buscando a coragem de abandonar aquele conforto e aconchego do meu lugar preferido no mundo. Olhei ao lado: lá estava ele, com a boca semiaberta, respirando fundo, com o semblante de quem descansava e sonhava sonhos bons. Sorri admirando aquela figura e lembrando da música do Legião: “Gosto de te ver dormir, que nem criança, com a boca aberta”. Inspirei o ar ao meu redor: sempre amei aquele cheiro de amaciante, pele fresca e casa quentinha. Apertei os olhos, agradei ao Universo e lembrei do último ensinamento da Monja Coen: “Viver é muito bom. Não há nada pelo qual matar ou morrer. Desistir é um pouco morrer. Viva os seus projetos”. Toquei os pés no chão e fui tomada pelo súbito arrepio da pele quente com o chão frio. Fiz um desjejum preguiçoso com ovos de gema mole, torrada e café com leite e cardamomo. Minha nossa, aquele cheiro do cardamomo no leite era divino. Hummmm. Sentei no sofá e me arrumei para a natação. Vesti o maiô, olhei-me no espelho e senti orgulho de mim. Eu era uma mulher com bochechas saltitantes e com muita energia vital, uma energia que saía dos meus poros, dos meus olhos, criava em mim uma aura que me era possível enxergar. Já tinha odiado tanto aquelas bochechas, aqueles quadris que me pareciam imensos, aquele corpo repleto de defeitos. Um corpo que transportava os meus sonhos e que me fazia sentir todas as sensações de estar viva. Um corpo que me carregou por toda aquela trajetória de vida que já completava quase trinta anos. “O retorno de

Saturno está próximo”, pensei, “e o que me aguardará?” Caminhei dois quarteirões sentindo o sol afagar a minha pele. O vento era gelado, mas o sol continuava queimando naquele céu criado por Deus quando ele havia sido tomado por uma inspiração que só Deuses poderiam ter. Caí na piscina. “Respira, Thays, sinta a água morna ao seu redor, veja como seus músculos se movimentam e medite. Você precisa aprender a não se apegar aos milhões de pensamentos que diariamente passam pela sua cabeça e te fazem ficar perdida”. De repente, ative-me ao pensamento de que tudo no mundo é inconstância e não se sabe, nem mesmo as cartomantes, o que será do futuro. Inspirei bem fundo, estava chegando próximo à borda, encostei o queixo no peito e dei uma cambalhota, empurrando a parede pra ter propulsão e continuar a nadar. “Acho que a vida é isso: aceitar o seu fluxo, sem impedi-la, deixando-se sentir o giro em torno do próprio corpo. Vez ou outra, erraremos o giro, escorregaremos no azulejo, perderemos a noção espacial. Gargalhando na mesma proporção em que choramos e nos jogando com esperança porque, apesar do sofrimento que nos rodeia e às vezes nos toma de conta, a vida é sim boa. Estar vivo é uma graça da qual todos deveríamos ter consciência”. Concluí os primeiros cem metros com a vontade de agradecer ao Universo a possibilidade de viver... Quem sabe esse agradecimento um dia não ocorra no Vietnã acompanhada de monges numa pequena vila de interior? Sorri sozinha me aprontando para o próximo giro (da vida e do nado).

Crônica de Thays Alves Bezerra

Analista processual da 5ª Promotoria de Justiça Regional de Defesa dos Direitos Difusos



O Menino e a Pipa

Cheguei no interior e, ao olhar o horizonte, percebi seu Marcelino caminhando pelo beiral da ponte. Já contava com oitenta anos e continuava com o equilíbrio de um sagui saltitante. O sol, naquele dia, brilhava no intenso calor nordestino. As árvores que margeavam a água pouco balançavam. O suor escorria pelas dobrinhas de Marcelino, pela barriga rechonchuda, pela divisão entre as costas, chegando aos pés calejados de tanto andar descalço. Sapatos eram só para dias de festividade: missas, batismos, velórios, idas ao médico, visitas dos netos da cidade. Eu era uma dessas netas que amava ouvir as muitas histórias do avô pouco letrado, nascido e criado no meio do mato, que ensinava sobre as coisas indizíveis do sertão. Não, a fazenda onde meu avô morava não era confortável, pelo contrário: era quente demais e com estrutura suficiente para sobreviver. Inexistiam a comodidade ou a tecnologia urbanas. A água era buscada no rio em baldes de 25 litros que eram trazidos na cabeça. Eletricidade somente nos sonhos dos cochilos à tarde: se quisesse luz, seria de lamparinas ligadas por meio da combustão de óleo diesel. A comida era feita em fogão a lenha. O calor estarrecedor do Nordeste era aplacado nas sombras dos pés de tamarindo, embaixo dos babaçuais ou com leques de palha manualmente entrelaçados por Marcelino ou um de seus filhos. Dona Antônia, esposa de seu Marcelino, era o que se podia descrever como força sensível no mundo: oitenta anos, quebradeira tradicional de coco babaçu, arretada e doce. Uma vez, eu vi Dona Antônia matar, no meio da cozinha, uma pequena cobra verde traiçoeira a chineladas. Naquela mesma tarde, eu a vi sacudir no colo o pequeno neto, de cinco anos, tentando

acalmá-lo. O menino chorava copiosamente porque caíra de um amontoado de pedras e tivera uma raladura feia no joelho. Nas noites, iluminados por lamparinas, sentavam no terreiro na frente de casa: as visitas, em geral os filhos e netos da cidade, seu Marcelino e dona Antônia. As férias de janeiro eram muito animadas na fazenda: toda comida do mundo, muita falação, cheiro de café passado no filtro de pano, banhos intermináveis nas margens do rio, pescarias de canoa, leituras embaixo do tamarindeiro e histórias. Meus avós definitivamente eram os melhores contadores de histórias que eu já conhecera: em linguagem simples, com vocábulos e expressões às vezes desconhecidos, eles me remetiam aos cheiros, sabores e emoções das narrativas do sertão. Certo dia, Marcelino contou a história sobre sua infância. Quando criança, Marcelino não ia à escola, acordava às 4 horas para ajudar o pai nos afazeres diários: roçar o terreno, plantar, colher, cuidar dos bodes, das galinhas ou dos porcos. Mas o pai sempre lhe permitia folgas em que podia brincar. E, nessas folgas, Marcelino improvisava pipas: não tinha papelarias na região, então ele usava folhas usadas de caderno, cola, só havia a de sapateiro e as linhas eram de pesca. Com tudo já pronto, escalava o monte próximo da sua casa, chegava no topo com as panturrilhas em chamas e lançava sua pipa ao vento. E ela subia para muito longe, dando piruetas, surfando nas nuvens maranhenses. Marcelino, um menino magrelo, de tamanho diminuto, com as canelas marcadas pelas diabruras de caça a bichos dos quais pudesse se alimentar, sorria com sua pipa. Antes de retornar para a cidade, olhei de novo a ponte, fiz uma prece por meus avós e mentalizei: “Que a força e a experiência sertanejas sejam honradas por seus descendentes, seu Marcelino e dona Antônia!”

Crônica de Thays Alves Bezerra

Analista processual da 5ª Promotoria de Justiça Regional de Defesa dos
Direitos Difusos



A vida e o tempo

A vida não cabe no tempo

Temos tanto para viver

Que não cabe nos números do calendário

São tantos planos, desejos e sonhos para conquistar

Que não cabem nas horas

E nos minutos que os relógios marcam

Há tantos amigos para abraçar

Muitos sorrisos a oferecer

Conversas permeadas de risadas, para se alegrar

Vinhos para beber

Pele para acarinhar

Lugares para conhecer

Faces e bocas para beijar

Livros para ler

Eu te amo para falar

Cheiros para sentir

Músicas para cantar

Você é linda para ouvir

Pessoas para amar

E flores a ofertar

Há tanto por fazer

Porém, pouco, ou quase nada, conseguimos realizar

E ainda nos damos ao luxo

De o tempo desperdiçar

Como se essa a vida pudesse se repetir

Ou o tempo fosse se expandir

Por isso, guardemos naquela gaveta

Onde nada conseguimos recuperar

Todos os relógios e calendários

Que querem nos escravizar

E a partir de então

Não se preocupe com as horas e os dias

Muito menos com a idade

Beije, sorria, abrace

Cante, dance, viaje

Sonhe, cheire, afague

Apaixone-se, ame, se embriague

Assim, quando a “indesejada das gentes”

Vier nos encontrar

Ela não levará a nossa vida

Mas apenas um corpo

Pois a vida, nós a teremos vivido

Essa vida, que não cabe no tempo

Essa vida, que não cabe num poema



Janela

Da minha janela

Eu vejo tudo

Eu vejo o mundo

Eu vejo o nada

Da minha janela

Vejo alguém triste

E a criança abandonada

Da minha janela

Eu vejo a cor, a dor e o amor

E também vejo uma estrada

Que o leva aonde quiser

Ou também não leva a nada

Da minha janela

Vejo a corrupção

Vejo pobreza, descaso e escravidão

Vejo um vulcão de sentimentos

Que entrou em erupção

Da minha janela vejo você

E vejo a pessoa amada

Da minha janela vejo otimismo, fé e coragem

E uma mulher com a espada

Inerte, paralisada

Da minha janela

Vejo o que passou

E o que ainda vai passar se repetir

Como se não mudasse nada

Da minha janela

Eu vejo o sol, o mar e a praia

Da minha janela eu vejo tudo

Menos o tempo dar pausa

Para a vida seguir com mais calma



Carta para um (ex) amor

Dois escritos,
um poema.
Pílulas de clichê.

Noite (não) ordinária
Sob os ares do encontro:

Naquela noite
Colchão na varanda
Luz da lua, música na TV
Tudo era ordinário
Exceto nossos corpos
Se amando
Se desejando
As luzes da cidade eram lindas,
Mas ordinárias
Nós, como deuses, acima de tudo isso
Nos consumindo
O mundo aos nossos pés
Sob os nossos entreolhares
Era pequeno demais

Dor (não) ordinária
Sob os ares da partida:

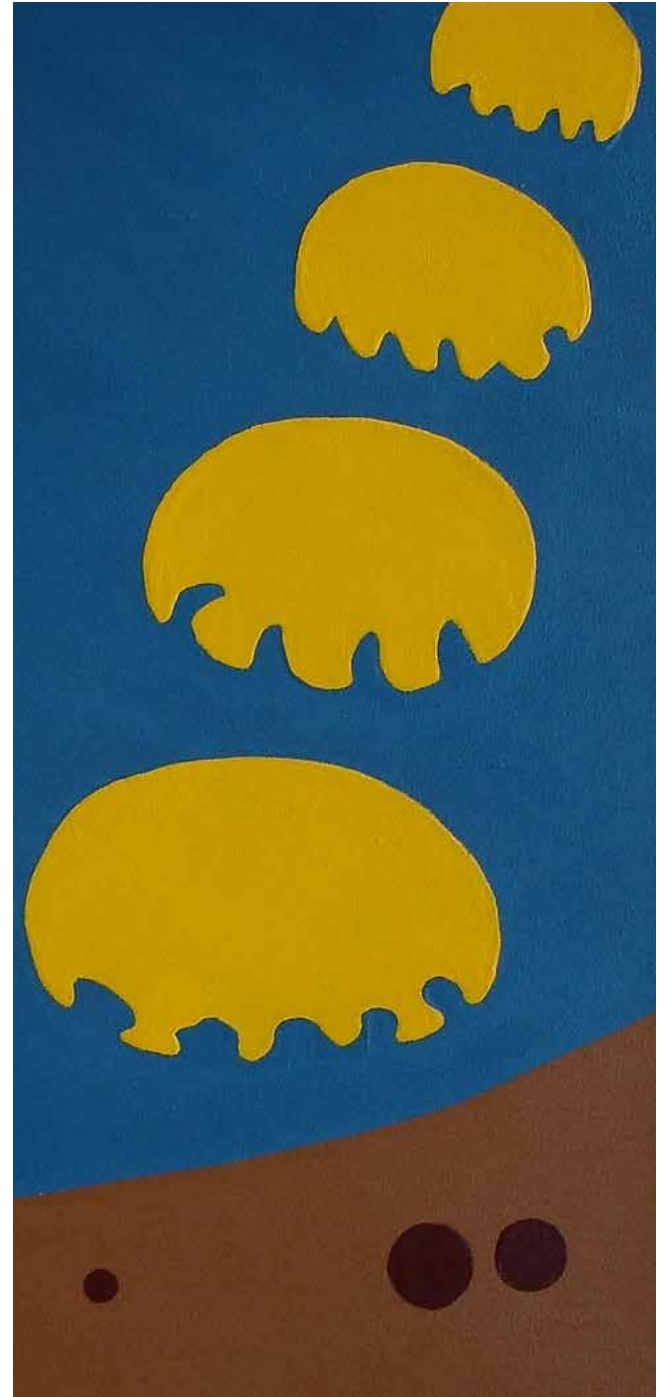
Tudo dói
Absolutamente tudo
A casa ainda está como você deixou
Os livros ainda estão aqui, te esperando
As roupas que você não viu
E as que você viu
A varanda, vazia
O lixo ainda está aqui
A louça, por lavar
As músicas são tormento
Planos de uma noite no ar
Desejos reprimidos
Sonhos não vividos
Paredes cheias do nosso sexo
Colchão manchado
Tudo dói

Dois dias entre um e outro.
Aqui, pedaços de mim.
De nós.
Obrigada por me mostrar o mundo.

Ao coautor destas palavras,
O homem que levou a minha paz,
Meu amor.

Poema de Isis Mariana Moreira Lopes

Técnica administrativa da Coordenadoria Nacional de Direitos Humanos



Aquarela

A água corre pelas seivas do papel
Migrando para onde quer
Colorindo as fibras brancas
Ela corre, seguindo o curso da vida
Fluindo
Migrando
e ali ficando
Retrato colorido
Pintado pela água transparente
Rio que transborda
Amor no papel

Poema de Isis Mariana Moreira Lopes

Técnica administrativa da Coordenadoria Nacional de Direitos Humanos



Flores do Ipê

Na ousadia do feito contrário,
Sozinhas brincam, fazem chover umidade
Em secas de tempo de gente
Que com olhos metálicos, focados, param
Para vê-las brilharem
Caminha um, caminhos outros
De longe se confundem para vê-las de perto
Tão pintadas no amarelo
Em desculpas se entregam,
Entrelaçam o vento,
Flertam por um instante
Pobre infância essa revestida de inocência,

Que não conhece no tempo o fim da existência
Passo largo, núcleo de felicidade
Passar de tempo, ganho de saudade
Nesse jogo a perda é inevitável
Tão cedo e os galhos já começam a se despir,
O chão dourado chama atenção,
Fragmenta-se a beleza
Roubam a si mesmas
Namorando o Vento.



Sede não Terás

Guarda-me debaixo da Tua mão, só não posso mais

Ouve agora a minha oração, preciso de Ti

Dá-me esperança e fervor, para prosseguir

Vejo tuas chagas de amor, e por isso estou aqui

Então, deixa-me falar do meu amor por Tua cruz

Nela enxergo toda a dor, prévia de Tua luz

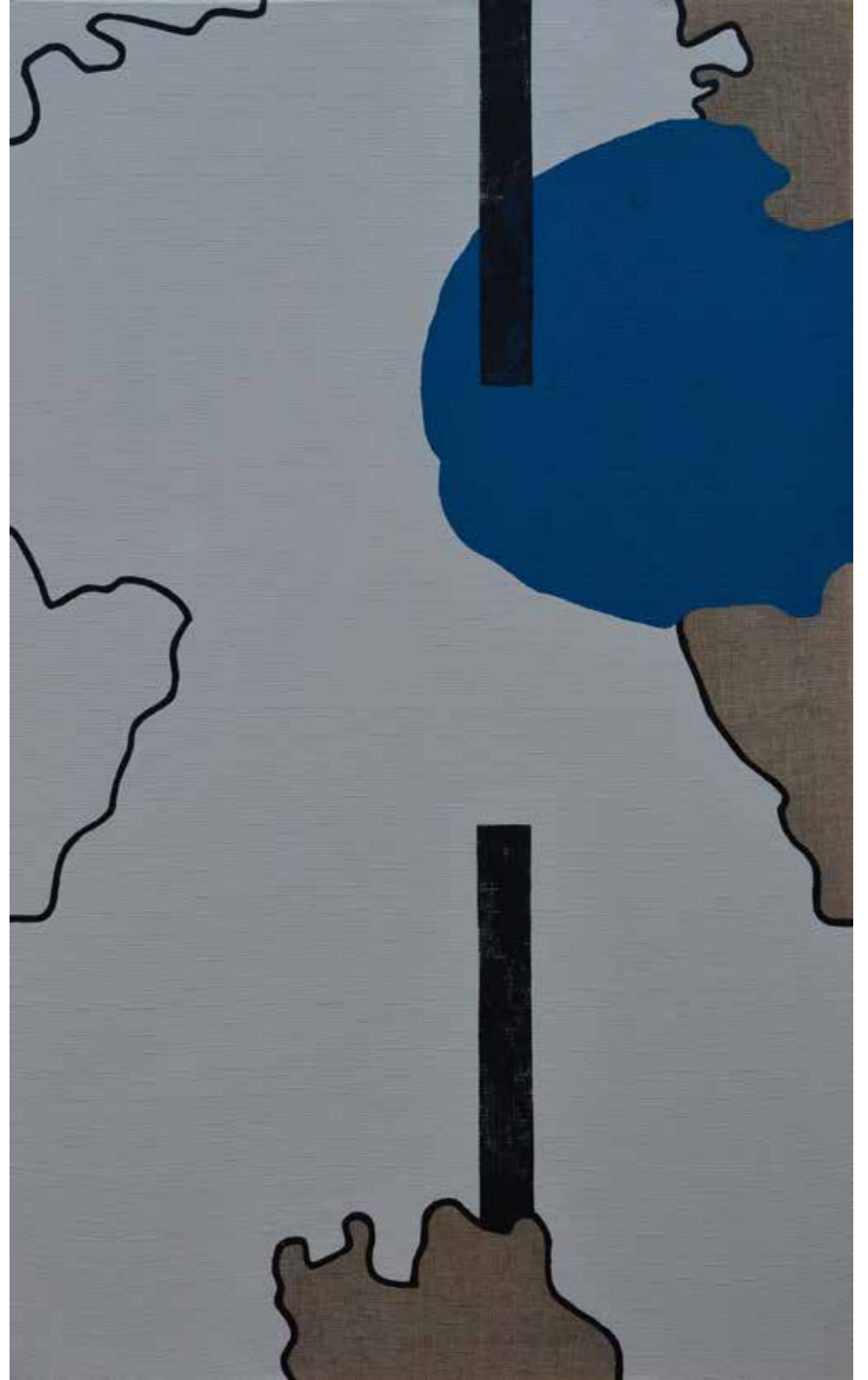
Minha gratidão, te reconheço, Tu és meu Deus

Sede não terás de mim, pois estou aqui

O meu coração é Teu, porque o Teu parou por mim.

Música de Luciana Ponte Carvalho do Nascimento

Analista em Gestão Pública da Seduc/Secor



É assim que as coisas são?

(manuscrito encontrado ao lado do cadáver de um burrinho domesticado)

Fim?

Fim.

Bem diferente, né?

Eu queria que tudo fosse

Só trabalhar ATÉ MORRER.

Por quê? Saiba que é inútil

“Manda quem pode”, dizem

É demais questionar.

Não adianta: nunca

Acredite!

Não

Nade contra a correnteza.

Morri pensando desse jeito. E aqui vai meu conselho:

“É assim que as coisas são...”

Só trabalhe, sem brilho nos olhos.

Sem propósito:

É assim que as coisas são.

Não desperdice tempo afirmando que

Tudo pode mudar e você é único.

Não!

Mas é claro que

Eles vão dizer...

Burros?

São apenas

Burros

Sinto muito.

(Por causa da depressão

desenvolvi um distúrbio raro,

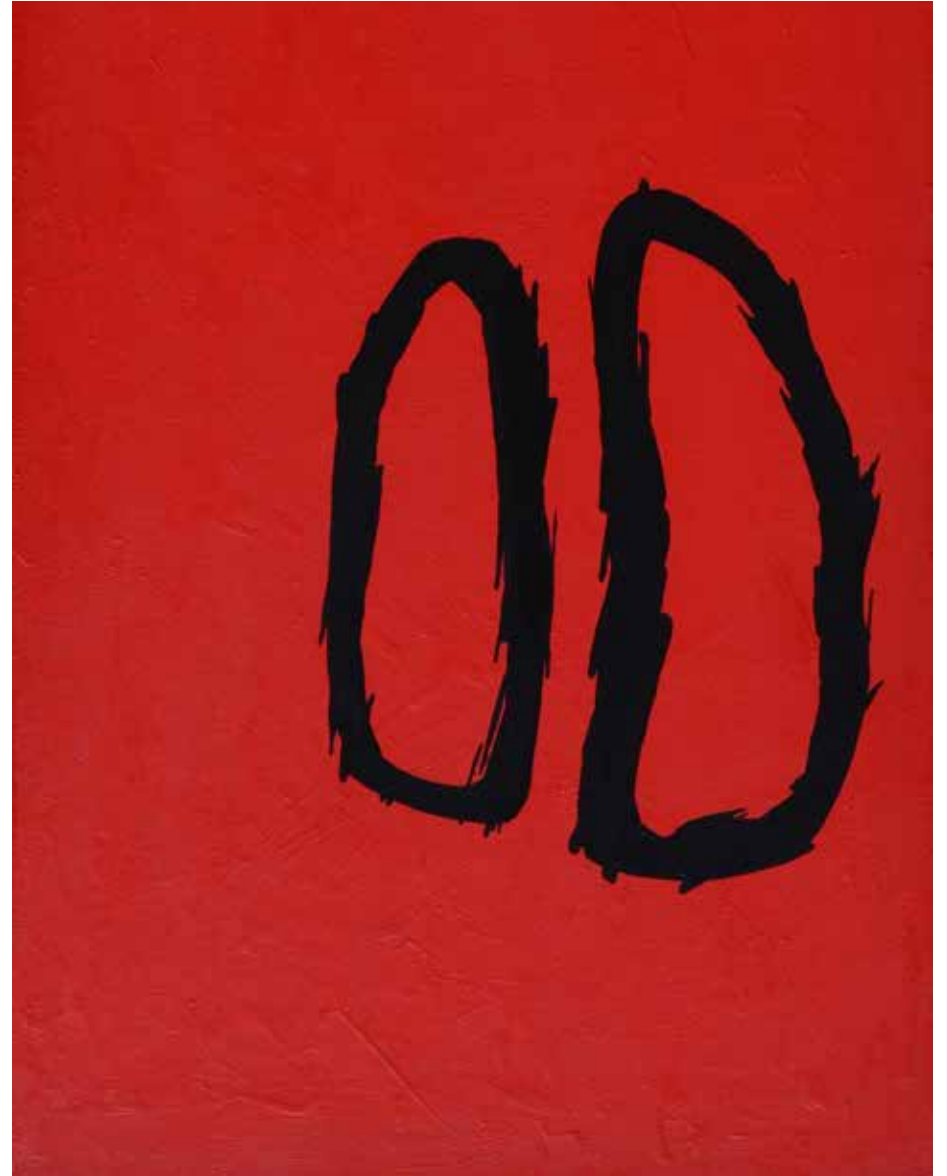
escrevo de trás pra frente:

Por favor, leia de baixo para cima.

Bom dia!)

Poesia de Nilton Silva Gonçalves

Técnico administrativo da Secretaria de Comunicação



Fragmentos de Parrésia

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. Segundo Paulo Freire o ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. Mergulhado em pensamentos, lembrei que nunca consegui terminar de ler O idiota, de Dostoiévski, e não foi por falta de interesse. Nenhum outro livro, dos que já tive notícia, me provoca tanto e ao mesmo tempo nenhum outro me deixa tão derrotado. Consigo ler as primeiras 80 páginas, um pouco mais, um pouco menos, e logo fico desatento e largo o “tijolo” pra lá. Cerca de oitenta páginas lidas pelo menos oito vezes desde que minha amiga Conceição me falou da obra, há uns 10 anos. O príncipe Michkin, o idiota, me perturba, me irrita e me cansa com sua bondade extremada, inverossímil. Mas não consigo esquecê-lo.

Diante da derrota, procurei um caminho alternativo, um tanto quanto preguiçoso, diga-se de passagem. Fui atrás da versão em filme, de Kurosawa, 1951. Pedi ajuda ao moço da livraria, e ele, jovem, me perguntou se eu havia lido o livro. “Nunca consegui terminar”, respondi. Ao que ele comentou: “O final é que é ótimo. O príncipe Michkin vai analisando um por um dos seus personagens”. E continua: “A bondade do idiota é plácida. Ele aceita a pequenez de todos nós e a própria sem dividir o mundo entre os bons e os maus, sem lançar juízo de valor sobre ninguém, nem mesmo sobre quem o maltrata”. Fiquei duplamente surpreso: pelo fato de um garoto ter lido O idiota e pelo final propriamente dito. Agradei pelo pelo “spoiler” e mudei de assunto e falei que, na verdade estava à procura de Um calendário da sabedoria, de Tolstoi. Prontamente

ele me levou às prateleiras de autoajuda. Tolstoi, no livro, reúne reflexões de grandes pensadores sobre o penoso exercício de viver.

Ao fim daquele “passeio socrático” naquela livraria, fiz um esforço hercúleo para ler um pouco mais que 80 páginas daquele livro recheado de pinceladas de sabedoria. “A bondade é a qualidade moral dos que têm alma nobre e generosa”, disse Platão. “A parrésia é uma forma crítica – afirma Foucault – tanto ao outro quanto a si mesmo, mas sempre numa situação em que o crítico se encontra numa posição de inferioridade em relação ao interlocutor. Foucault chama a atenção para o fato de Plutarco sublinhar que somos incapazes de admitir que não sabemos nada e nem sabemos quem somos. E mais uma vez lembrei de O idiota, o Michkin do livreiro já não me irrita, nem perturba, nem cansa como o Michkin da minha amiga Conceição. Este é parrésico. Aquele nos revela o quão imperfeita e covarde é nossa humanidade e que, para ser bastante bom, é preciso ser corajoso.

A bem da verdade, não há lugar para Michkin entre os humanos, especialmente nos tempos modernos. Ou aprendemos a ser um pouco maus ou o mundo nos engole. O problema é que tem gente que toma o gosto de ser maligno e fica tarimbado em ruindade. Dissimula de tal modo a maldade que ela fica quase imperceptível. E já nem nos lembramos mais como é mesmo ser bom, tão poucos os exemplos que nos são oferecidos.

Crônica de Janiwson Souza Soares

Técnico administrativo das Promotorias de Justiça Criminais de Brasília



Frívolo Revel

A Justiça é cega, deusa, elfo, fada e feiticeira.

Oh, Oriana faceira! A injustiça cega até magistrados

Ao som de um “mjolnir”, causídicos desarrazoados

Ossículos rabulados vibram em derrocada pasmaceira.

Doutores ditam palavras soltas. Alfarrábio rabiscado

Em lavras absoltas: “A Diva em Argel alegra-me a vida”.

Crime palíndromo, gracejos em vernáculo. Ofensa descabida.

Encerrada sessão. Espetáculo e ferida, jaz um condenado.

Quão salutar é a frivolidade que afasta o sofrimento.

Silêncio no tribunal. Hombridade. Ordem de julgamento.

Alegações finais. Conclusos. Afinal, sentenciado.

O Estado Leviatã afoga mais um plebeu desventurado.

Quiçá essa fada Oriana em seu cacófato palácio

Grite lufada pretoriana: até cubanos em marrocos?
Decerto duvida

Se togados ainda cairão nos ardis da flor do Lácio.

De bom grado falaria “Águia de Haia” ao Montesquieu

Que pior seria uma ditadura na estrutura judiciária de poder

Praticar “Judiciocracia” como manchas de Tardieu

Contra essa obscura tirania não podemos recorrer.

Poesia de Janiwson Souza Soares

Técnico administrativo das Promotorias de Justiça Criminais de Brasília



Causos de Roça

Os anos levaram a
Minha casinha de pau,
Os armários de jirau.

Ouçó minha mãe contando os causos
De roça, com coração apertado
O suor demasiado, pés no chão.

Num cenário artístico e bem
Poético, ela conta a história
De Rio Negro, um caboclo,
Homem temido pela multidão.
Escravo ele era,
Mas lutava pela sua libertação.
Homem valente que roubou o coração
Da menina mocinha, filha do seu patrão.

Meu avô, montado no seu burro
Relógio, levava a sua tropa;
Minha avó costurava e tecia;
Os meninos encaroçavam o algodão;
Minha mãe na roda e no fuso batia.

No caminho da roça meus tios iam:
Davam água para as tropas,
Pastos para os rebanhos,
Debulhavam os milhos,
Enchiam os cochos e
Banhavam o alazão.

Meu avô foi tropeiro,
Minha avó foi costureira.
Meu pai foi peão,
Minha mãe escravidão.
Naquele sertão sequidão.

O pó que levanta daquele chão
Traz as lembranças do colchão
Feito de palha de bananeira,
Das folhas de laranjeira
Que agora são apenas sequidão.
Triste fim do nosso sertão.



A Carta

Na longa jornada da vida
Vivemos de chegadas e partidas
Acertando e errando
Mas sempre caminhando

O tempo é um “ser” estranho
Ele acaba dando e tirando
Sendo o bem precioso que ganhamos
Vivemos, sem controlar, gastando

E, quando para trás olhamos
Vemos o quanto desperdiçamos
Em busca de uma tal felicidade
Que, dificilmente, alcançamos

Outro dia, ao trabalho chegando
Ouvi um telefone tocando
Por curiosidade atendi
E para minha surpresa descobri
Um passado de 38 anos me olhando

Depois de uma hora te escutando
Acabei do passado me apropriando
E contigo ao telefone falando
Nossos momentos fomos recordando

Perdão pela última carta que escrevi
Eu mesmo nunca entendi
Aquilo que eu fiz
De uma forma tão infeliz

As lágrimas que derramamos
No passado vamos deixando
Temos de continuar caminhando
Que um novo tempo está raiando

Do seu perdão estou necessitando
E, com essas palavras rabiscando,
O meu coração eu quero libertar
Esperando teu perdão ganhar.

Poesia de Valmir Soares Santos

Promotor de Justiça da 15ª Promotoria de Justiça Criminal de Brasília.



Interlúdios

Abriu o caderno e começou a escrever.

“Escrevo para não enlouquecer. A dificuldade, ensina. Lidar e suportar a dor ensina. Tolerar a frustração e cultivar a paciência ensinam. Estar confortável em situações de desconforto é uma habilidade que permite o verdadeiro crescimento. Auto-conhecimento e autocontrole são habilidades fundamentais aos que desejam prosperar.

É preciso coragem para assumir as próprias falhas. Sou controlado por aquilo que me dá prazer. Se existe deleite e pouco esforço, é uma areia movediça na qual eu sei que afundarei. Não quero repetir erros que me fazem ir na direção oposta à dos meus sonhos. Ainda assim, repito.

O que sustenta os afetos é o compromisso. O amor é importante, mas, se o amor oscilar e o compromisso não, pode funcionar. Se o compromisso desabar, com ou sem amor, o final será a ruína.

Tenho fé, acredito sem ver. A esperança leva a lugares longínquos. Quem sabe onde quer chegar e acredita que irá fazê-lo, luta com todas as forças para isto: é um imparável. A fé ensina a esperar e nos compele a agir.

Somos constituídos por nossa história, mas não somos um reflexo dela. Somos autores e atores, interagindo com o mundo e com nós mesmos durante toda a vida. Ninguém chega longe sem a ajuda das pessoas. Ninguém chega longe sem ajudar outras pessoas.

Meu luto (e minha luta) era por perceber que a estrada por onde caminho é mais longa do que imaginei. É difícil se esforçar e não perceber um movimento significativo

em direção ao alvo. É como nadar contra a correnteza e perceber que, após muito tempo e esforço, a margem continua, aparentemente, na mesma distância. Como todo hábito, o segredo reside na constância e na obstinação. A disciplina é libertadora. Mesmo sem querer, não dá para passar por esta existência sem fazer alguém chorar. Eu aprendi desde cedo que ficar em silêncio é, muitas vezes, a melhor coisa que a gente pode fazer. Descobri que os adultos não sabem de tudo e que eles também erram.

É preciso se permitir ficar triste. Desolado, se quiser. Mas é preciso dar um tempo e um espaço para essas tribulações. Ficar se lamuriando para sempre não resolve nada. Todos vivemos batalhas das quais os outros não têm a menor noção. As pessoas querem o que conquistamos, mas dificilmente pagam o preço que pagamos.

A rotina é algo que me salva. Eu crio perguntas e não sei se quero saber as respostas. O que eu mais desejo é o que eu menos sei lidar.

No fundo, todo mundo usa alguma coisa para aliviar o peso da vida. A gente passa um furacão e logo chega outro.

Decidi não mais postergar os meus sonhos e fui atrás de um antigo e grande amor. Me percebi aquecido entre nossos abraços e pernas. O amor tem me curado e me guiado para uma versão melhor de mim mesmo.”

Fechou o caderno e foi dormir.

Conto de Vinícius Costa Fontes

Analista / Saúde / Psicologia do Setor Psicossocial da Promotoria de Justiça de Planaltina – DF



Olhares

Você tem miopia, rapaz. Foi o que escutei aos 19 anos. E astigmatismo. Astigmatismo? Isso mesmo. Fiquei aguardando a explicação, que não veio. Quando coloquei os óculos pela primeira vez, tudo ficou mais claro e nítido. Eu fiquei surpreso, pois estava tão acostumado com minha limitação que nem percebia. Tive sorte por ser uma coisa assim à toa. Corrigida por dois pedaços de vidro. Sim, tive sorte. Já outras pessoas, nem tanto.

O escritor argentino Jorge Luiz Borges sofria de uma degeneração da retina, que o deixou cego aos 51 anos. Viveu até os 86. Usou os olhos de outras pessoas emprestados. Para ler os livros pelos quais era apaixonado e para escrever suas histórias fantásticas. Ele não teve sorte com os olhos, mas deixou uma obra digna de admiração. Vão falar de suas criações por séculos. Eu tive sorte com os olhos, mas não vou deixar meu olhar criativo como um legado que inspire as pessoas a olhar o mundo de outras perspectivas. Sou sim um cara sortudo com os olhos, e com um pouco de inveja.

Eu passei a prestar atenção nas pessoas que usavam óculos. O mundo se dividia em dois grupos de pessoas: as com óculos e as sem. Eu tinha algo em comum com as pessoas do primeiro grupo. Éramos do mesmo clube. Existe uma elegância, quase um privilégio, em usar óculos. Apesar disso, eu sentia um certo desconforto com os óculos. Era uma parede invisível diante dos meus olhos. Ainda que invisível, era uma parede. Alguém disse que os olhos são a janela da alma. Eu tinha a sensação de que minhas janelas estavam bloqueadas, me impedindo de fazer um contato real com o que estava lá fora.

O terapeuta Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama, um dia disse que um verdadeiro encontro se dá quando arrancamos os nossos olhos e emprestamos para o outro ver, enquanto a outra pessoa fazia a mesma coisa. Tá, eu sei que é metáfora. Mesmo assim me dá um arrepio a ideia de arrancar os olhos para poder me encontrar com outra pessoa. Haverá uma parte em mim que interpreta a metáfora de modo muito literal ou me dispor a

encontrar com outra pessoa requer uma vulnerabilidade que só os olhos nus podem manifestar?

Séculos antes, Sófocles criou a história de Édipo. Édipo foi um herói capaz de decifrar grandes enigmas. No entanto, acabou matando seu pai e casando-se com sua mãe, sem saber que era filho deles. Mas, quando descobre a verdade, ele arranca os próprios olhos. A dor dos seus delitos foi tão grande que ele precisou de um sofrimento ainda maior para sentir algum alívio. Ficou nu dos próprios olhos. Aceitou seu destino totalmente vulnerável diante da vida.

Precisei trocar de óculos várias vezes. A última atualização foi diferente. Você vai precisar de lentes multifocais, falou o oftalmologista. Você não é mais um rapaz. Tá ficando com a vista cansada. Lembrei das lentes esquisitas que minha avó usava quando eu era criança. Quero isso não, doutor, não vou me acostumar. Tá bom, experimenta usar as lentes para longe. Quando coloquei os óculos novos senti tontura. Olhei para longe e estava nítido. Olhei para minha mão e ela estava embaçada. As letras do computador também. Tinha alguma coisa errada. A lente que me permitia ver longe já não atendia a minha necessidade de ver perto. Bateu uma revolta. Bem que a gente podia nascer com mais olhos. Se um falhasse tinha outros para substituir. Seria uma boa solução para a fragilidade do nosso enxergar.

Na mitologia grega existia um gigante que tinha cem olhos. Argos Panoptes. Com tantos olhos, era um bom vigilante. Até na hora de dormir alguns olhos ficavam abertos, acompanhando o que estava se passando ao seu redor. Mesmo assim, surgiu alguém mais esperto que ele. Hermes deu um jeito de fechar todos os olhos de Argos. O malandro aproveitou a distração e o matou. Argos morreu e virou pavão, cheio de olhos nas penas. O tempo é mais esperto que nossos olhos. Não adianta lutar contra ele. Apenas se ajustar.

Doutor, quero usar as lentes multifocais. Já não sou mais um menino.

Conto de Aristóteles Rodrigues de Araujo

Técnico administrativo/assistente técnico I da Secretaria de Planejamento



Maria

Todo dia a mãe grita

Diz que é por amor

Brinca e o irmão empurra

Diz nada.

Tem medo de falar

Escrever

Gritar

Cresce.

Todo dia o amor grita com ela.

Maria sabe que gritar é amor.

Poesia de Ana Paula Barbosa Cusinato

Técnica administrativa da Secretaria de Educação e Desenvolvimento Corporativo



As Flores

As flores que aqui foram plantadas

Há alguém a olhar, regar, amar

A fazer o sol brilhar por elas, para elas

Pode descansar em paz, pode adormecer

Mas diga que vai voltar

Diga que vai brotar, vai nascer algo belo, que almeja

Diga que elas vão nascer e crescer como as mais belas
flores, perfumadas flores.



Fases

Vejo o sol nascer e o nosso amor escurecer,
não reconheço mais você.

Sei que todo ser precisa de um tempo para se amar,
não sei se eu vou me acostumar...

Assim como a lua, o amor também tem suas fases
e eu me perco em minhas próprias frases.

Vejo o luar acompanhar seu caminhar
ocupando o meu lugar.

Sei que todo ser precisa de um tempo para se amar,
não sei se eu vou me acostumar.

Assim como a lua, o amor também tem suas fases
e eu me perco em minhas próprias frases.

Música de Alysson Henrick Saraiva

Recepcionista da Coordenadoria de Justiça de Brasília II



Sozinho

Eu queria poder voltar no mesmo lugar onde tudo começou, e poder voltar a ser aquela criança que escrevia a vida e cantava o amor.

Sozinho, eu vou seguir o meu caminho sem ter pressa de chegar.

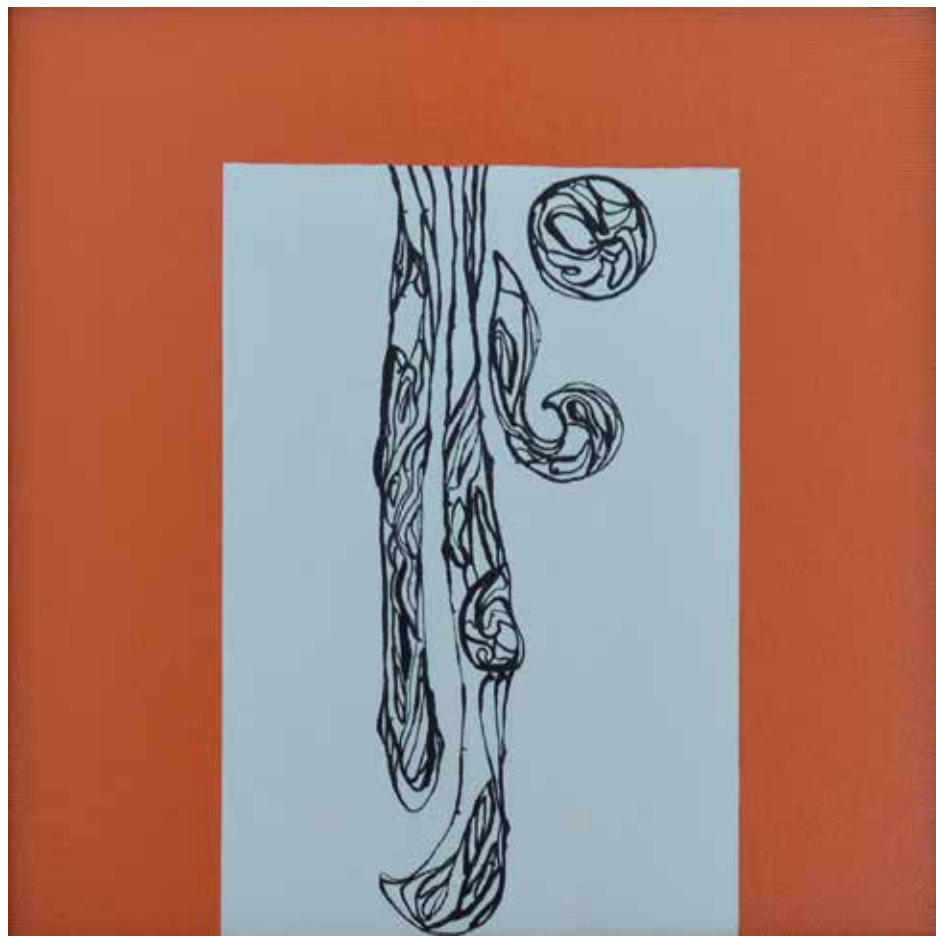
Distante de tudo, longe até de mim mesmo atrás dos meus sonhos...

Agradeço aos céus por estar aqui sem deixar subir para a cabeça.

Vou cantar para espantar as incertezas.

Música de Alysson Henrick Saraiva

Recepcionista da Coordenadoria de Justiça de Brasília II



Vai Passar

Observe a Natureza!

Olhe para as árvores do cerrado – das cinzas renascem após a chuva;

Olhe para a solitária plantinha – no solo árido, insiste em florescer;

Olhe para as estações – do frio e seco inverno e outono, surgem florida e iluminado primavera e verão;

Olhe para o sol – após a tempestade, aparece mais reluzente e belo.

Repare!

Assim como Ela, a Natureza, é você.

Veja-se na árvore do cerrado, na plantinha solitária, nas estações e no sol!

Quando, na sua alma, voltar a chover esperança,

Ela renascerá das cinzas;

Quando você esgotar essa dor e, então, regar a aridez do seu coração,

Reflorirá a mais bela flor;

Quando, para inverno e outono, você disser adeus,

Surgirão primavera e verão.

E, nesse dia, o sol virá resplandecente e radiante, aquecendo e iluminando o seu ser, florido novamente!

E você exalará todo seu perfume e sua beleza, por onde for!

As obras apresentadas neste livro são do brasiliense Eduardo Moraes, artista plástico que dedica-se às artes visuais há mais de 20 anos e tem como foco a pintura. O interesse em artes visuais sempre existiu. Até o Bacharelado em Artes Plásticas, realizado na Universidade de Brasília, sua prática foi marcada basicamente com desenhos a grafite. A partir deste período, o interesse pela pintura tornou-se maior e se consolidou com a conclusão do curso. Desde então, vem apresentando seus trabalhos em exposições individuais e coletivas de salões de artes, galerias e museus no Distrito Federal, Goiás e São Paulo.

A sua produção possui uma temática que transita entre o figurativo e o abstrato, e atualmente a poética presente se concentra na representação da figura humana, seja na produção de pintura ou escultura. O desenho e a fotografia estão de alguma forma sempre presentes, tanto no processo de pesquisa de suas obras, quanto na busca constante para aprimorar a técnica, em participação em cursos ou em assuntos ligados ao tema.

Lista de obras / *Check list*



Café, 2003
Acrílica s/ tela
90x60 cm



S/título (da série Superfícies Essenciais), 2006
Técnica mista s/ tela
95x130 cm



S/ título, 2004
Técnica mista s/ tela
50x50 cm



Díptico
S/ título, 2003
Acrílica s/ tela
60x90 cm e 60x30 cm



Fome de vida, 2004
Acrílica s/ tela
92x62 cm



S/título, 2004
Técnica mista s/ tela
50x50 cm



S/ título (da série Justaposição), 2004
Acrílica s/ tela
100x80 cm



Díptico
S/ título, 2003
Acrílica s/ tela
70x60 cm e 70x60 cm



S/ título, 2005
Técnica acrílica e grafite sem tela
90x60 cm



O mapa, 2005
Acrílica s/ tela
130x80 cm



S/ título, 2005
Acrílica s/ tela
124x64 cm



S/ título, 2003
Acrílica s/ tela
90x60 cm



S/ título (da série Superfícies Essenciais), 2006
Técnica mista s/ tela
100x80 cm



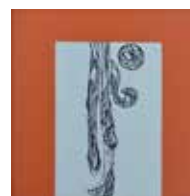
Vazio (da Série Caminhos Refeitos), 2012
Acrílica s/ tela
105x80 cm



Maternidade, 2003
Acrílica s/ tela
68,5x98,5 cm



S/ título (da Série Justaposição), 2005
Acrílica s/ tela
60x120 cm



S/ título, 2006
Acrílica s/ tela
20x20 cm

**Esta é uma publicação do Ministério Público do Distrito
Federal e Territórios.**

Eixo Monumental, Praça do Buriti, Lote 2,
Sede do MPDFT, Brasília-DF, CEP 70.091-900
Telefone: (61) 3343-9500

Projeto
Seção de Cultura

Programação visual, diagramação e revisão de texto:
Secretaria de Comunicação

© 2019 Ministério Público do Distrito Federal e Territórios –
MPDFT

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde
que citada a fonte.

1ª edição – 2019

Tiragem: 300 unidades – Novembro/2019